



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Francisco Chamuco e a exposição de Antuerpia*, por Pinheiro Chagas;—*Angola e Congo*, (conclusão), por Alberto Telles;—*Coro dos Anjos*, conto, traducção de Alfredo Gallis;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (passatempos);—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*O retrato*, conto, traducção de D. Gaioimar Torrezão;—*O Morgado Feijó*, conto, por José Maria da Costa

GRAVURAS: Sarah Bernhardt—Antonio José de Barros e Sá—*A voz parisiense* (musica) Marco em Aquar Sertur—Victor Hussler—*Arco do Triunpho da Estrella em Paris*.

CHRONICA

Ora ahi teem como uma grande desgraça pode fazeresquecer um grande genio. Ahi teem como o incendio d'um theatro foi capaz de nos tornar indifferentes ás fulgurações d'um talento asombroso!

Ao passo que a catastrophe do Porto poz em evidencia o actor Firmino, um mediocre sobre cujo infortunio se concentraram todas as atenções e convergiram todos os olhares, a mesma catastrophe teve artes para quasi nos apagar do espirito o nome glorioso de Sarah Bernhardt, que ahi se exhibiu durante alguns dias, ás esquinas, em cartazes mirabolantes, chamando de balde, ao theatro do Rocio, um publico que houve por bem não pôr lá os pés.



SARAH BERNHARDT

Sarah chegou e partio, sem que tres quartas partes e mais de meia da população de Lisboa dessem pela sua abalada e pela sua vinda. Em vão a grande actriz nos acenou com os esplendores das suas *toilettes* de Margari-da Gauthier. O publico não se moveu

— Olhem que d'esta vez — dizia ella — venho mais dramatica ainda, mais formosa, e, sobre tudo, menos magra. Trágo carnes e peças novas.

Foi o mesmo que se não dissesse nada. O publico, moita.

Debalde o Marianno Pina, secretario perpetuo de todas as celebridades exoticas que nos visitam, fazia *réclames* na imprensa. Debalde a incomparavel actriz appellava para os prodigios da sua gordura nascente, do seu reportorio vasto, do seu talento genial, dos seus encantos exquisitos, da sua voz d'oiro tão preconizada.

— Sou a sogra d'uma princeza. Tenho um nome universal e um cão chamado *Nero*, que ha de passar á Historia, dizia nervosamente, com lagrimas d'orgulho ferido, a grande Sarah.

E todos nós, indifferentes perante a sua nevrose, frigidissimos diante do seu nome prestigioso que, por si só, vale o de todas as actrizes do mundo, pensavamos no incendio do Baquet, no actor Firmino, nas victimas do desastre. . . .

Era apenas a compaixão que nos absorvia n'esse pensamento fixo e doloroso? Não era. Mais alguma coisa havia, a explicar o nosso indifferentismo por Sarah. As victimas sobreviventes da catastrophe do Porto tinham-nos levado em numeros-unicos, em prosa e verso, em subscripções nacionaes e particulares, em ouro e prata, toda a nossa vida, todo o nosso cerebro, todos os nossos minguados haveres, deixando-nos pobres como Job.

A verdade é esta. Sarah que nos perdoe, perdoando conjunctamente ás tres quartas partes e meia da população, que não fôram vel a, applaudil-a, victorial-a.

Mas porque veio a portentosa actriz exhibir se por tão alto preço a Lisboa, exactamente quando o nosso paiz se convertera n'um paiz de victimas — victimas do incendio e victimas das victimas do mesmo incendio, ainda muito mais victimadas do que ellas?

Quem teve a culpa foi o Pina secretario, aquelle Pina que

Nas *soirées* do Gervasio,
Affavel sempre scria
Com olho matreiro e gazeo. .

Mas a Chronica, assim que os cartazes annunciaram um original de Sarah, *L'aveu*, não se pode conter, pediu quinze tostões emprestados a uma das victimas sobreviventes do incendio do Porto, e foi ao theatro quasi deserto, ver a peça.

Embora a grande artista nos tivesse já habituado a encarnações mais variadas e imprevistas que as de Vichnou, o facto de nos dar um drama original, surprehendi-nos, espantava-nos. Nós sabiamos já que ella era emula de Miguel Angelo e de Rubens; que era uma tragica famosa e inimitavel; que subira em balão; que tivera um dia a estranha phantasia de representar a pantomima, de encerrar a sua juba de leôa fulva na coifa de Pierrot, de abafar a sua voz d'oiro sob uma espessa camada d'alvaiade.

Sabiamos tudo isto, e muitas coisas mais, mas nunca presumimos que, depois de ser quasi avó, ella se lembrasse de fazer concorrência a Sardou e a Emile Augier, concebendo e escrevendo uma peça n'um acto, um drama, *L'aveu*.

Pois escreveu; é authenticico; é indiscutivel. E acreditamos profundamente que o escreveu sosinha, sem a collaboraçã de nenhum principe da litteratura dramatica pariziense, porque a peça é um absurdo, uma bana-

lidade, que poderia muito bem ter sido escripta pela. . . Jesuina do Gymnasio.

O entrecho de *L'aveu* desenrola-se em torno d'um general glorioso, vencido sobre o campo de batalha conjugal. No theatro, quasi todos os generaes são invariavelmente vencidos sobre aquelle campo: é um dos precalços do generalato.

O official superior posto em scena por Sarah, não escapa a esta fatalidade professional. E' casado, adora sua mulher, e adora tambem um sobrinho, que educou com desvelos paternaes. Na sua ausencia, este sobrinho pouco escrupuloso introduz-se uma noite nos aposentos da tia, mulher joven e formosa. Ella indigna se, é claro, mas a indignação é de tal ordem que, d'ali a pouco tempo, a esposa do general ausente apercebe os symptomas da maternidade. No entanto, como estima o marido, e não quer dar-lhe um desgosto revelando-lhe a conducta de Roberto — chama-se Roberto o patife do sobrinho sem escrupulos, atheu e medico, — faz com que o general volte a casa dois mezes depois do erro. O general chega, e d'ali a sete mezes assiste ao nascimento d'um rapaz, sem se aperceber de que este, contra todas as prescripções da ordenança conjugal, teve muita pressa d'entrar na vida, nascendo dois mezes antes da hora regulamentar.

Quando o panno sobe, o recém-nascido acha-se entre a vida e a morte. Apesar dos cuidados de Roberto, seu verdadeiro pae, apesar dos desvelos do pae fingido, o general, a creancita obstina-se em partir d'este mundo. A mãe, louca de desespero, aproveitando um momento em que não está ninguem na alcova, conta a si mesma, em alta voz, a génesis criminosa do pequenino agonizante. Tão de rijo perora, que o general, assustado, entra precipitadamente, e, como não é surdo, fica sabendo aquillo que devia sempre ignorar.

Segue-se uma conversa intima, que o edifica e esclarece.

Mas o curioso não se contenta em saber que não é pae: quer que lhe digam o nome do homem a quem deve o filho. «Nunca!» responde a generala. O velho militar, então, ameaça sua mulher de deixar morrer a creança ao desamparo, se ella não confessar tudo. Esta ameaça desconcerta a pobre mãe, que, por fim, declara o nome do seductor.

Seguem-se as angustias do general, tio e esposo deshonrado. Não quer matar o filho de seu irmão. Naturalissimo. E como não quer, propõe-lhe que se suicide. Roberto consente. Mas n'este momento, a generala entra em scena, soltando um grito terrivel. A creancita acabava de morrer. Roberto, á entrada da tia amante, applicava já á cabeça o cano d'uma pistola; seu tio de tem-lhe o braço e exclama emphaticamente, com lagrimas na voz:

— Está satisfeita a justiça dos homens. A Providencia castigou já o culpado!

Parece que o culpado era a creança, o pobre pequeno!

E o panno desce.

O drama de Sarah pertence, como se vê, ao genero dramatico mais moderno. E' o ultimo grito da escola que não se preocupa com a exposiçã do assumpto e que supprime o desenlace, pretextando que, na vida, as soluções são raras. Tinhamos, no entanto, grande curiosidade de saber como foi que o general, a generala sua esposa, e Roberto, o patife do sobrinho, se arranjam depois da morte do filho prematuro. Vivem todos como Deus com os anjos? E' possivel. Nós saberemos isso um dia. Segundo todas as probabilidades, Sarah deve voltar a Lisboa, e dar-nos-ha, por certo, na sua volta, um outro drama, em que esta questã seja resolvida.

Mas que não venha em occasiã d'um incendio como o do Porto. Se d'esta vez tivemos que recorrer aos quinze tostões bizarramente emprestados por uma das

victimas, para a outra vez, em caso de sinistro magno, pode encontrar-nos sem canisa.

E, francamente, nós temos curiosidade de saber o que foi feito do general, da generala e do Roberto.

Queremos, mesmo, averiguar se o *Nero* entra na futura peça.

Mas sem camisa? não é correcto.

SANTILHANA.

Francisco Chamiço e a Exposição de Antuerpia

Ha dois mezes que me separa dos leitores da *Illustração* uma doença terrivel, ha dois mezes que deixo de conversar com elles ácerca dos livros que vão apparecendo no nosso pequeno mundo litterario e scientifico. Voltando a occupar o meu logar n'estas columnas, d'onde durante muitos dias todos julgavam que eu estava para sempre desviado, dá-se a circumstancia extranha, de ter de fallar de um morto, a proposito de um trabalho cujas provas elle revia decerto, com o pensamento de que eu já o não leria, e de que as palavras que n'esse escripto consignava a meu respeito seriam uma funebre corôa poisada sobre um tumulo.

Quiz a sorte porém, que se trocassem os papeis. Quando eu estava proximo da morte, Francisco Chamiço, luctando tambem com a enfermidade, parecia victorioso. Quando eu entrava em plena convalescença, quando os primeiros effluvios da primavera favoreciam a minha resurreição, como favoreciam em torno de mim a resurreição das arvores, recebia eu a triste e inesperada noticia da morte do grande trabalhador.

O escripto, para o qual eu chamo agora a attenção dos leitores da *Illustração Portuguesa* é o relatorio de Francisco Chamiço ácerca da exposição de Antuerpia, onde elle representou o governo portuguez e a Sociedade de Geographia. N'esse relatorio que foi publicado n'um dos ultimos numeros do *Boletim* da Sociedade de Geographia, Francisco Chamiço refere-se com demasiada modestia ao papel que alli desempenhou. Cumpro um dever refazendo até certo ponto esse trabalho, e prestando a esse sincero patriota, a esse trabalhador indefesso e desinteressado a homenagem de que elle é digno.

Fazia eu parte do governo e desempenhava as funcções de ministro da marinha e do ultramar quando a Belgica promoveu na sua formosa e opulenta cidade de Antuerpia uma exposição universal. A Hollanda realisara um anno antes a exposição de Amsterdam, a qual não tinhamos concorrido, e o governo resolvera não concorrer tambem á exposição de Antuerpia. Não desconhecia elle as vantagens que para nós resultariam da nossa appareção n'esse grande concurso industrial, principalmente no momento em que a nossa influencia e o nosso prestigio na Africa estavam sendo combatidos com energia e azedume. Recuava porém diante das despezas avultadas que essa resolução consigo acarretaria, e temia tambem que o governo hollandez se melindrassse vendo-nos acceder ao convite belga para irmos a Antuerpia, quando não accederamos ao convite batavo para irmos a Amsterdam.

Tendo entrado no ministerio por motivo de recomposição, encontravamos já essa resolução tomada. Chamiço porém instava comigo para que não abandonassemos tão excelente occasião de mostrarmos á Europa o que valiamos como nação colonisadora, e de lh'o mostrarmos sobretudo exactamente no paiz que iniciara contra nós a campanha do descredito, que incitara a Europa a sacudir-nos d'esse vasto continente, onde possuimos ainda tão grandes territorios. Encontrava-me perfeitamente de accordo com estas idéas, e com essa opinião; mas era impossivel revogar uma medida tomada pelo governo.

Chamiço lembrou que poderia o governo limitar se a auxiliar a iniciativa particular de quem quizesse concorrer á expedição, e com o desprendimento que mostrou em todo este negocio foi o primeiro a declarar-me que o Banco Ultramarino ajudaria com todas as suas forças essa empreza, cuja direcção se absteria de tomar. A Sociedade de Geographia é que tinha um caracter mais proprio para o desempenho d'esse papel, pela sua indole essencialmente scientifica, e alheia a todas as dissidencias politicas e commerciaes.

Pareceu-me excellente a idéa, e tratei de a pôr immediatamente em execução. Encontrei-me na rua com Luciano Cordeiro, pedi-lhe para me ir fallar ao meu gabinete. Disse-lhe então de que se tratava, e qual o papel que eu destinava á Sociedade de

Geographia. Luciano Cordeiro aceitou com tanto mais enthusiasmo quanto fôra ella quem sempre se empenhara pela appareção dos productos das nossas colonias n'esses concursos internacionaes.

Encontrara logo dois homens excellentes para o importantissimo trabalho que se ia encetar, dois dedicados, dois *carolas* como nós dizemos desdenhosamente no nosso calão de scepticos e de indolentes

Assim assegurado o concurso da Sociedade de Geographia e do Banco Ultramarino levei o negocio a conselho, e encontrei todas as facilidades que podia esperar de tão leaes e tão generosos collegas, como eram aquelles que tinham á sua testa o grande vulto de Fontes Pereira de Mello.

Só me faziam uma objecção—a da despeza—que eu desfazia apresentando um orçamento modesto. A scena passou-se no gabinete do ministro da guerra, que era então, como sabem, Fontes Pereira de Mello, tambem presidente do conselho.

Dos homens, que tomaram parte na scena que vou contar, só resta um, que é o que escreve estas linhas, e que esteve por um triz a ir associar-se, para além do tumulo, aos que tinham sido seus companheiros e auxiliares do lado de cá do cemiterio.

—Faze lá a tua exposição, dizia-me Antonio Augusto de Aguiar, então ministro das obras publicas, olhando por cima da luneta e com a sua boa voz de baixo profundo; faze lá a tua exposição, que ninguem mais do que eu a estima, como podes imaginar; mas olha que has de gastar muito mais do que tencionas.

Era a verba de 25 contos que eu fixara.

—Isso não gastol respondi eu com uma convicção energica.

—O Aguiar não sabe que está tratando com um optimista! dizia Fontes, rindo com alegria, e esfregando as mãos lentamente, gesto que lhe era muito peculiar.

Eu ri tambem, mas sinceramente estava deveras inquieto. A opinião de Antonio Augusto de Aguiar tinha para mim muitissimo peso. Não só lhe reconhecia a vastissima intelligencia, o conhecimento largo dos negocios, o bom senso e a perspicacia, mas além de tudo isso a sua competencia larguissima no assumpto de que se tratava. Antonio Augusto de Aguiar tomara parte activa e proeminente n'um grande numero de exposições, e devia saber bem como são terriveis esses periodos excepcionaes, em que tudo encarece de subito, e em que realmente as addições se avolumam repentinamente.

Acabara-se o conselho. Sahi e vim encontrar na ante-sala do meu gabinete Francisco Chamiço que me esperava anciosamente.

—Então? disse elle.

—Está approvada a minha proposta. Mas olhe lá, sr. Chamiço; sabe o que me disseram os meus collegas, e entre elles muito especialmente Antonio Augusto de Aguiar?

—O que foi?

—Que heide exceder fatalmente o orçamento que apresentei, e que não é com 25 contos que eu heide custear os trabalhos, em que nos vamos lançar.

—Afflanço-lhe, respondeu-me convictamente o illustre governador do Banco Ultramarino, afflanço-lhe que não só ha de exceder a verba que fixou, mas que ainda lhe ha de sobrar dinheiro.

E cumpriu a promessa. Percorram os leitores o relatorio publicado pelo *Boletim* da Sociedade de Geographia, examinem as contas, e verão que da verba de 25 contos ainda sobejaram effectivamente uns quatrocentos e tantos mil réis.

Realizou-se, graças á prodigiosa dedicacão, á prodigiosa actividade, ao zelo e ao desinteresse de Francisco Chamiço, de Luciano Cordeiro, de Antonio de Castilho, de Luiz Diogo da Silva, e de todos aquelles que os coadjuvaram na commissão executiva nomeada pela Sociedade, ou nos trabalhos do directorio ou nos trabalhos em Antuerpia.

Occupamo-nos agora exclusivamente de Francisco Chamiço. Depois fallaremos nos outros.

Governador do Banco Ultramarino, poz á disposicão da commissão da Sociedade de Geographia a influencia e a actividade dos seus correspondentes commerciaes, obtendo assim logo para o aluguer do terreno e para a construcção do pavilhão da Exposição Colonial condições mais favoraveis, no Ultramar a coadjuvancão effizaz de todos os agentes d'essa instituicão do credito.

E finalmente partiu elle mesmo para Antuerpia, encarregando-se, sem a mais leve recompensa, nem mesmo honorifica, porque a grã-cruz da Conveicção, que por proposta minha lhe foi concedida, só se lhe conferiu depois da exposicão, encarregando-se de representar alli o governo e a sociedade. Todas as despezas de viagem e de representacão, que não foram p quenas, foram feitas á sua custa. E não foi só o seu dinheiro que alli gastou, foi tambem a sua saude, porque dois ataques teve em Antuerpia da terrivel doença que ha um mez o prostrou, e que tão ameaçadores foram que a triste esposa, que hoje chora em desolada viuvez o seu estremeado marido, em Antuerpia julgou-o mais de uma vez perdido. Mas essas revoltas do seu organismo já debilitado soube elle vencel-as com a sua inquebrantavel energia, com a sua extraordinaria força d'alma.

ANGOLA E CONGO

Conferencias por F. A. Pinto

(Conclusão)

III

Lamenta com razão o auctor que a caça imprudente e barbara, dada aos elephantes, no intuito de explorar o marfim, os tenha feito rarear de tal modo que só por acaso apparecerá algum em Angola. E a este respeito faz as mais sensatas considerações economicas, porque a força prodigiosa do elephante seria indubitavelmente um grande auxiliar para a realisação de todos os grandes melhoramentos materiaes.

Depois do elephante o hyppopotamo, que habita em todo o territorio de Angola e Congo, é, no dizer do sr. Pinto, o mais importante pachyderme, pelas vantagens que alli nos presta. A descripção das perigosas caçadas de hyppopotamos, e de alguns factos occorridos n'ellas, enche algumas das paginas mais interessantes do livro.

São tambem vulgares os porcos bravos, o rhinoceronte, o pequeno hyrace, as zebras e o onagro.

E' extraordinaria a variedade e quantidade de ruminantes e roedores: a sexa, o hipacaça, o cefo, a guunga, o angire, a palanca, o galengue, e muitos outros.

O mesmo succede com as aves, das quaes são aproveitaveis a pintada, o marabú, e as perdizes. O sr. Pinto faz ainda menção de mais algumas.

Entre os reptis, tem o primeiro logar o crocodilo, temivel na agua, e medroso em terra. Seguem-se-lhe o sengue, a python (serpente que busca frequentemente victimas humanas), muitas cobras sem dentes venenosos, a cuspeira, de que ha muitas variedades, e a ri-uta, a respeito da qual diz o auctor:—«As mais terriveis, porém, de todas as serpentes são as de mordedura venenosa, e entre estas a ri-uta que habita em todo o territorio de Angola, e suas dependencias. E' muito frequente em volta de Loanda.»

Dos animaes aquaticos, e nomeadamente dos articulados terrestres se encontram n'esta obra tão abundantes e minuciosas informações que não é facil resumil-as, sem lhes tirar o vivo interesse que a sua leitura desperta. Baste dizer, quanto aos primeiros, que por toda a costa de Angola ha muitos tubarões, e que nas noites escuras são magnificos os phenomenos da phosphorencia—as toninas «parecem gigantescas cobras de fogo ou amplos cometas!» E, quanto aos segundos, são taes os cardumes de borboletas nocturnas na zona da beira mar, que escurecem os crystaes dos pharoes, chegando até a encobri-los «para uma distancia muito menor que a do seu alcance!»

Ha tres raças humanas na provincia de Angola e Congo—hottentote, cafre e congo. Os caracteres de todas ellas são descriptos com admiravel precisão, e os habitos e costumes d'esses povos selvagens e na maior parte refractarios á civilisação, se por um lado nos indignam, sempre nos surpreendem.

Do mestiço affirma positivamente o sr. Pinto que elle não se fixa; ou vai para branco ou para preto.

Tratam da ethnographia, do commercio na costa do norte e dos empregados portuguezes a terceira e quarta conferencia.

Aquella refere miudamente em que consiste a alimentação dos pretos;—diz que todos estes em geral, consomem mais ou menos tabaco e *liamba*, «fumando d' tabaco mais as mulheres que os homens, e da liamba mais estes que aquellas.» e fazem tambem uso do tabaco de cheiro;—descreve o vestuario que se reduz ao indispensavel para cobrir o corpo, da cinta até ao meio das coxas, sendo que o preto cafre se pinta com manteiga e o congo com oleo de palma, o que é uma «prevenção contra os parasitas da pelle que morrem asphyxiados pela gordura; e prevenção contra as mudanças de temperatura, e sobre tudo contra o frio»; occupa-se do desenvolvimento das bellas artes, a dança, que é a arte que mais enthusiasma os pretos «capazes de dançarem durante dias e noites successivas, sem mostrarem canção ou enfado», a dança do amor, com passos eroticos figurados tão ao vivo, principalmente pelas mulheres, que se tornaria impossivel executar as perante gente civilisada, danças de caça e guerreiras;—do instrumento usado para ellas, o tambor, que tem sempre um só tympano, tambor comprido, a que chamam *batuque*, a *quipuita*, cylindro ôco, correspondente á nossa caixa forte, as *marimbas*, a *gonga* e o *quissange*, «talvez o precursor do pente da caixa de musica»;—do canto, tão vulgar entre os indigenas, que fazem todo o serviço a cantar, como affirma o sr. Pinto: «os pretos cabindas cantam a remar; os carregadores cantam durante o transporte do objecto que levam, e sobretudo os portadores da tipoia, emquanto se viaja no sertão, cantam sempre; os lateiros, carpinteiros e tanoeiros de Loanda, em sendo mais de dois ou tres, organisam cantorias enthusiasmadas ao candenciado bater dos res-

pectivos martellos, sacrificando muitas vezes o tempo e a obra á perfeição do tamborilado;»—do regimen de familia que é o da polygamia, sendo extraordinariamente interessante tudo o que a este respeito diz o auctor;—da propriedade do territorio occupado pelo estado negro, congo ou cafre, que pertence á comunidade representada pelo chefe, rei ou soba;—da religião manifestada por idolos, que tem figuradas toscamente as formas humanas;—da moral, que pode resumir-se na palavra *quigilla*, correspondente á nossa phrase—*é prohibido*, e a este proposito faz o sr. Pinto esta notavel observação: «a palavra *quigilla* ou *quisilia* passou dos antigos escravos congos para a linguagem popular portugueza, como equivalente de averção, antipathia obstinada;»—da morte, e dos ritos funerarios, «que duram emquanto dura o que o morto deixou para gastar, e tudo o que os parentes poderam reunir»—da organisação social e da guerra.

Não saberei devidamente exprimir o alto valor das paginas, com gravuras intercaladas no texto, que o sr. Pinto consagrou aos *inquimbas*, isto é, aos iniciados no *feitico do Inquimba*, instituição de remota e desconhecida origem que parece espalhada por toda a raça congo propriamente dita e que tem por objecto dar a sciencia de bem viver.

Os *inquimbas* são pretos pintados de branco e vestidos com a sua extraordinariamente saia de franjas.

Ha muitos conventos de *inquimbas*, principalmente nas proximidades de Boma.

O convento, ou seminario, é um cercado de pavões de palha apumadas, com um alpendre, tambem de palha, e os iniciados são creanças masculinas que entram para o *feitico* dos sete aos doze annos.

Ouçamos o sr. Pinto referir-nos a cerimonia da iniciação, que tem logar de noite:

«A creança é tomada de improviso, conduzida pela familia, e entregue solemnemente ao feiticeiro, que a recebe com grande desenvolvimento de um cerimonial de pantomimas e toque de batuque. Entretanto ministra-lhe um narcotico e obriga-a a prestar um juramento solemne, de que nunca dirá a nenhum profano cousa nenhuma do que se passa no convento, nem ensinará nada do que alli aprendeu.

«Este preceito fica solidamente guardado com a pena de morte que lhe será applicada pelo principe do seu povo, quando o transgredir.

«Depois rapam-lhe o cabelo, pintando-lhe todo o corpo de branco, e vestem-lhe o saial. Nunca deixará de andar pintado de branco, nem de trazer vestido o saial, desde que no dia seguinte acorde n'este estado, emquanto for alumno do *feitico*.

«Se a creança não estava ainda circumcisa, accresce a todas as ceremonias da iniciação mais essa.

«A pintura branca faz-se em todo o corpo, ficando apenas a carapinha preta, com uma especie de barro que exploram para esse fim; e tem de ser reformada sempre que não está bem viva, e os *inquimbas* tem de apparecer deante de gente; mas, se n'estas circumstancias lhes falta o barro, podem tambem cair-se com farinha fina de mandioca, no caso de a terem á mão. Parece-me que esta caiação é sempre feita a secco, esfregando-se apenas com o pó.

«Porque se pintarão elles de branco e não de outra cor?

«Não consegui a explicação. E' certo, porém, que a cor branca nem é a que agrada mais á sua esthetica, nem a das drogas que a sua intelligencia reputa de mais valor na feitiçaria e na medicina.

«Não haverá n'isto um aneio de se assemelharem ao branco? Sendo assim, o branco com quem desejam parecer-se não pôde ser portuguez; porque os *inquimbas* existiam já, quando descobrimos o Zaire. Estará muito longe no tempo e no espaço—porventura no velho Egypto—o typo que desejam imitar.

«O saial é formado por um arco de pau d'onde pente uma abundante franja, feita das nervuras médias das folhas de palmeiras: cobre-lhe o corpo desde a altura das mamilas até o terço medio das tibias.»

Na quarta conferencia está desenhado a traços largos o quadro do commercio na costa do norte desde que foi fundado o padrão da descoberta do Zaire em 1484, quando os portuguezes travaram relações com o principe de Pinda, e por intervenção d'este com o seu suzerano, o rei do Congo.

Demonstra o sr. Pinto como não soubemos sustentar alli o commercio, nem alimentar o com o desenvolvimento da nossa industria, conservação e aperfeiçoamento da navegação.

Passou nos adeante o estrangeiro, e é triste ver a importancia que tem hoje as suas casas commerciaes, ao passo que nós figuramos apenas na remessa de «alguns artigos para alimentação dos europeus, n'um valor relativamente insignificante.»

A situação dos empregados portuguezes na Africa é descrita com miudeza, e logo em seguida vem apontado o remedio aos males reconhecidos nas relações commerciaes. Esse remedio, que o sr. Pinto considera uma necessidade urgente, é «a criação de uma companhia portugueza que vá com 2.000.000\$000 réis explorar o commercio n'aquella região e levantar do abatimento em que estão os nossos patricios, enriquecendo-se a si e trazendo para o nosso paiz todas as vantagens da sua riqueza—sendo a maior de todas o reforço da nossa antiga influencia n'aquellas pa-



ANTONIO JOSÉ DE BARROS E SÁ

ragens, afim de dispor e preparar tudo para uma occupação effe-ctiva e pacifica, que não desse azo a contestações de potencias estrangeiras. — Esta companhia seria um golpe mortal dado em todas as casas estrangeiras que, não podendo fazer negocio sem os portuguezes, abandonariam o campo, por serem abandonadas por elles.»

A quinta conferencia, relativa á relegião e á politica, attesta bem a persistencia da nossa influencia religiosa. Ainda se conserva o culto catholico na capella mór da antiga Sé do Congo, a igreja de S. Salvador, donde foi transferida para Loanda a séde episcopal, ficando o prelado com o titulo que ainda hoje tem de bispo de Angola e Congo. E pelo que toca á nossa influencia politica são muito instructivas as paginas em que o sr. Pinto assignala o perigo da missão dos padres francezes, dos tramas inglezes, e não a menos inveja dos holandezes que «também fizeram sempre tudo o que puderam contra a dominação portugueza.» A conferencia de Berlim é proficientemente apreciada n'este logar, mas com tal desenvolvimento que só podemos alludir a esta parte muito notavel do livro.

Fecham as conferencias pela occupação do Congo, isto é, como deve ser feita, segundo um plano que abraça, como dissemos, differentes pontos de vista—a organização administrativa, judicial, financeira e militar.

Ha n'esta ultima conferencia um ponto que tem soffrido contestação. E' quando o auctor diz que os povos tomaram a suppressão dos dizimos e das portagens «como uma demonstração de fraqueza—o que não foi de certo a menor das causas dos revezes das nossas armas nas ultimas escaramuças.» E eu tinha ouvido affirmar a pessoas versadas nos negocios ultramarinos que depois da suppressão dos dizimos nunca mais houve guerras.

Termina com o extenso relatorio da missão do sr. Pinto ao Zaire em 1882, este precioso livro—*Angola e Congo*—por certo um dos mais notaveis e bem urdidos que tem sahido n'estes ultimos annos dos prelos nacionaes.

ALBERTO TELLES.

Erratum

Em o n.º 38, pag. 3, col. 1.ª l. 7.ª onde se lê:—E a quinta e ultima...—deve ler-se:—A quinta é relativa á religião e politica, e a ultima...

O CORO DOS ANJOS

(Conto, por D. PEDRO DE ALARCON)

(Tradução de A. Gallis)

Uma alma á moda

N'ella esperava-o um bilhete muito perfumado, que acabava de chegar.

Era da baroneza.

Que se terá passado? pensou Alexandre com receio. Ha uma hora que nos separámos.

Dizia o bilhete:

—«Antes de deitar-me, necessito repetir-te mil vezes que...

—Adiante, exclamou o joven voltando a folha.

«Esta noite vou ao theatro do Principe Frederico tem sessão e não me acompanha. Não deixes de ir, e escolhe sitio onde eu te possa ver toda a noite. Depois tomaremos em casa o chá, juntos.»

—Que brincadeira! exclamou Alexandre atirando com a carta e principiando a despir-se. Ouve, Baptista, disse ao creado Esta tarde ás tres horas vae a casa da senhora baroneza, e diz-lhe que estou doente; e se ella vier ver-me, diz-lhe, afim de que não entre, que meu tio está comigo. Agora vae comprar um fauteuil para o Theatro Real. Fecha-a janella, e que não me accordem. Ah! se meu tio vier, diz-lhe que estou em Aranjuez. Traze-me o almoço ás duas e chama-me ás seis. Não janto em casa. Boas noites. Disse, e adormeceu, aborrecendo a baroneza, balbuciando o nome de Elisa e desejando sonhar com Marianna.

Não terminarei porém este primeiro capitulo sem advertir os meus leitores de que nenhuma d'estas tres mulheres é a hercina da presente historia.

II

Complot

Terminára o primeiro acto da *Sapho*.

Era a noite de Santa Luzia de 1857.

A Novelli estava sublime. Alexandre achava-se na platéa com seus amigos Luiz e Cypriano, partidarios acerrimos da D'Angri que cantava a parte de Faón.

—Quem fôra amado d'esta maneira! exclamou Alexandre durante aquella magnifica e commovente scena em que a celebre poetisa de Lesbos derruba o idolo.

—Já se não ama com tanto ardor, disse Cypriano.

—Sapho é um mytho, disse Luiz recostando-se na cadeira.

—Amar até ao suicidio! Um impossivel!

—Isso só o faz uma poetisa.

—Oh! Ser amado d'esse modo, continuou Alexandre, ser adorado, idolatrado, canonisado, divinizado! Isso era o ceu. As nossas mulheres de hoje não amam: a mim não me amaram nunca. Ainda mal tenho praticado uma microscopica falta para com uma mulher, e logo me encontro substituido por outro. Por conseguinte, amava-se a si mesma e não a mim.

—Permitte que te interrompa, disse Luiz; já foste amado por alguma mulher de certa idade?

—Bem o sabes, disse Alexandre ruborizando se.

—Bom: a baroneza do Cedro; trinta e cinco annos... typo fané. Aceite. E não tens encontrado n'ella esse amor raivoso, encarnizado e indestructivel que desejas?

—Que asneira! N'essa menos do que em nenhuma. E nota que morre de amores por mim. Porém as mulheres de certa idade... não o duvides... não amam tanto como parece. O ultimo amor das mulheres, o verão de S. Martinho da sua alma é um engano da sua vaidade ou do seu temperamento, que não pode orgulhar um homem sensato.

E para prova, debes notar que n'esses amores exóticos figura sempre um joven um adolescente, um collegial ás vezes.

Que significa isto senão que o que ellas amam é o amor que se vae, a belleza que se extingue, a juventude que desaparece? Porém, tudo á custa do infeliz que lhe cahio nas garras.

Nada, nada, eu quero uma mulher que me dê o seu coração para goso da minha vida, e não um vampiro que chupe o sangue do meu. Em vez de amar, quero ser amado. Quero emfim ser o que foi Faón para a poetisa de Lesbos, o que Philippe o formoso foi para Joanna a Douda, o que Endymion foi para Luna.

—Já sei o que necessitas, disse Luiz. Consola-te meu bom Alexandre. Uma mulher como a que desejas não é difficil de encontrar casualmente, ou para melhor dizer, é o genero que mais abunda.

Nem uma idolatra da materia, como Joanna a Douda, nem uma poetisa sem subscriptores como Sapho, nem uma virgem chlorotica como a Luna, podem offerecer o thesouro de amor que encontrarás em uma feia.

—Em uma feia!

—Sim. Admiras-te? Adoração, sacrificios, holocaustos, raivosos ciúmes, fomes infinitas, apothooses, canonisações, e saltos de Leucades, tudo, tudo o offerece a enteada da natureza.

Imagina o que seria o mar, recebendo todos os rios da terra se não empregasse as suas aguas em formar as nuvens.

—Ah! que batega de agua, exclamou Cypriano, sorrindo.

—Uma batega de amor. Eis o que é uma feia.

Ama-a e verás. Terás amor de sobra, amor de todas as classes, amor a toda a prova.

Acrescenta a estas a vantagem de que ninguem t'a disputará, e de que não contrahirá segundas nupcias depois de tu morreres, pelo contrario, se poder comerá teus ossos como Artemisa comeu os de marido.

—Basta, basta, respondeu Alexandre rindo a mais não poder; estou convencido. Amanhã emprehendo a conquista de... de...

—Procura uma que seja bastante feia.

—De... Casimira Fernandez.

—Como! da prima de Mathilde?

—Da que a acompanha sempre?

—Precisamente.

—Jesus! Essa é feia de mais.

—E demasiadamente receiosa.

—E demasiado discreta.

—Nada. Disse, e está dito.

—Pois não sabes o que disseste. Casimira é inexpugnavel.

—Como?

—O que estás ouvindo.

—Homem! Sendo tão feia?

—Por isso mesmo. Qual crês tu que é a mulher mais difficil da terra?

—Qual hade ser? Eliza, suspirou Alexandre melancolicamente.

—Quem? A da rua do Principe? Que tolice! Nenhuma mulher formosa é inexpugnavel. Quanto mais bella, mais crê na verdade do sentimento que a persegue; e a fé, como é cega, fal-

PIANO

Tempo maestoso

sf

f

p

animato

rall

a tempo

svivo

rall

pp

sf

diviso

avec colore

pp

svivo avec energie

sf

The musical score is written for piano and consists of ten systems of staves. The first system is marked 'PIANO' and 'Tempo maestoso'. The second system begins with a dynamic marking of 'sf'. The third system has a dynamic marking of 'f'. The fourth system has a dynamic marking of 'p'. The fifth system has a dynamic marking of 'p'. The sixth system has a dynamic marking of 'p' and a tempo marking of 'animato'. The seventh system has a dynamic marking of 'p' and a tempo marking of 'rall'. The eighth system has a dynamic marking of 'pp' and a tempo marking of 'a tempo'. The ninth system has a dynamic marking of 'pp' and a tempo marking of 'svivo'. The tenth system has a dynamic marking of 'pp' and a tempo marking of 'svivo avec energie'. The score includes various musical notations such as notes, rests, and slurs.

A VOZ PARISIENSE

POR ADOLPHE LOFFING

tropear e partir a cabeça. Não, Alexandre; o Sebastopol das mulheres não é, como se tem julgado até aqui, uma d'essas rainhas da formosura a cujo coração não chega nem o grito da morte das suas victimas. A verdadeira mulher inconquistavel é aquella que nasceu e se creou feia, que sabe que o é e vive encastellada na sua propria desesperação; que tem o talento bastante para comprehender que não póde inspirar desejos, e bastante dignidade para não mentir a si mesma, fingindo acreditar a mentira alheia; que aneia o verdadeiro amor e já que não póde ser sacerdotisa aspira a ser martyr d'este sentimento; que possuidora, enfim, de um rico diamante envolto em aspera ganga, prefere encerral-o comsigo na tumba a vel-o brilhar ao peito de um libertino. Tal é Casimira. Por isso creio que a não conquistarás.

—Affirmo-te que a conquistarei.
 —Julgará que troças d'ella e desprezar-te-ha.
 —Desprezos de Casimira!
 —E os teus amigos rir-se-hão de ti quando o souberem.
 —E as solteiras farte-hão uma cruz como a um energumeno.
 —Repito que conquistarei a Casimira, replicou Alexandre.
 —Como?
 —Não sei.
 —Necessitas convencel-a de que te agrada.
 —Convencel-a-hei.
 —De que a julgas formosa.
 —Convencer-se-ha.
 —Aposto que não!
 —O que tu quizeres.
 —Repara que é mulher de muito talento.
 —E eu homem de muita pratica.
 —Pois apostemos, o teu dog-cart contra o meu cavallo inglez.
 —Apostado.
 —Que prazo exiges?
 —Oito dias. Dentro de oito dias ha baile em casa da baroneza do Cedro. Alli os convencerei de que Casimira me ama.
 —Não basta isso.
 —De que Casimira é minha noiva, de que acredita no meu amor e de que o acceita.
 — Combinado.
 —Ah! exclamou o nosso heroe, esfregando as mãos. Como vou humilhar a baroneza, a Eliza e a Marianna! Quanto me vou divertir! e que bello cavallo vou ganhar!
 E dizendo isto, levantou-se e dirigiu-se ao camarote de Marianna, no qual se encontravam as filhas do embaixador das *Tres Estrellas*.

III

O campo da batalha

Tem decorrido oito dias desde o praso da aposta. Estamos em casa da baroneza do Cedro. São onze horas da noite. Os salões podem apenas conter tão numerosa e animada concorrência. A vista perde se, deslumbrada em um oceano de luzes, de flores, de grinaldas, de diamantes, de gases, de plumas, de condecorações, de luvas brancas, de hombros nus, de calvas reluzentes, de tranças de ouro e de azeviche, de sorrisos, de gestos e de olhadellas... Tudo falla, gira, acotovella se, e anda d'um lado para outro sem norte nem ponto fixo.
 A orchestra começou uma polka e as suas voluptuosas cadencias inundam de languidos delirios todas essas imaginações frivolas e ardentes como a loucura.
 Sentados em um sofá do gabinete da baronesa estão os nossos conhecidos, Alexandre, Luiz e Cypriano.
 —Digo-lhes que será, exclamou o primeiro.
 —Triumphaste?
 —Completamente, pelo que me deves um cavallo.
 —Mas, conta-nos...
 —Não tenho duvida. Antes de tudo, querido Luiz, devo fazer-te a justiça de confessar que fallavas como um sabio, ao sustentar que Casimira era a verdadeira mulher inconquistavel.
 Tu imaginas sabes o que luctei. Basta-lhes saber que me vi obrigado a inventar um processo completamente novo. As formulas usuaes são inefficazes com as feias. E' preciso outra linguagem, outra tactica e outra logica, completamente distinctas das que se empregam com as simples mulheres.
 Oçam a minha historia d'estes sete dias e reconhecerão que sou um grande psychologo.

(Continúa).

AS NOSSAS GRAVURAS

SARAH BERNHARDT

A nossa Chronica occupa-se d'ella, da eminente actriz franceza que acaba de visitar-nos pela segunda vez.

Sarah Bernhardt é ainda hoje, como era hontem, como o foi sempre, a mulher da moda em Paris. Coberta d'applausos, de elogios, de satyras e de epigrammas, a inimitavel tragica, a incomparavel artista tem occupado um dos primeiros logares na scena do mundo, pelo seu talento, pela sua elegancia, pela sua formosura, pelas variadissimas aptidões artisticas e até pelas suas excentricidades, em que não tem rival, como não a tem ainda até hoje como actriz.

A sua biographia enche volumes, e não se pode, portanto, fazer aqui, em dois traços.

ANTONIO JOSÉ DE BARROS E SA

O illustre parlamentar de quem hoje damos o retrato, abriu os olhos á luz da razão, na epoca mais agitada das nossas luctas politicas, pois que, ao sair apenas da infancia, foi testemunha das scenas mais dolorosas, escriptas nas paginas da historia com o sangue e com as lagrimas das victimas, pela mão do absolutismo; e findo o prelio ingente, em que triumphou a liberdade, ponde elle dedicando se aos estudos, completar os preparatorios para se matricular na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, onde fez formatura em 1845.

Era outra epoca de agitação e de combate! O joven bacharel se se iniciara nas primeiras letras ao som dos cantos guerreiros das campanhas liberaes, entrava na vida publica, findo o seu curso, ao som do hymno revolucionario, que enthusiasmava o paiz.

A revolução chamada da Maria da Fonte explosia por esse tempo, e Barros e Sá, soldado do partido progressista, alistava-se no batalhão academico, e batia se no Alto do Viso, d'onde, feito prisioneiro, veio para Lisboa, sendo restituído á liberdade em vista da amnistia dada segundo as condições do protocollo de 1847.

Mas, como diziam os bravos patuleias d'esse tempo, a amnistia fôra apenas um armisticio, e quatro annos mais tarde, o marechal duque de Saldanha punha-se á frente da revolta que devia consagrar pela victoria as aspirações do progresso, e entrava triumphalmente no Porto, e depois em Lisboa.

Barros e Sá, o soldado da junta do Porto, poz-se ao serviço do novo partido que surgia; e deixando então a vida administrativa pela magistratura militar, o illustre jurisconsulto, que era n'essa epoca administrador do concelho de Montalegre, sua patria, foi despachado auditor para a terceira divisão e d'ahi transferido para a primeira.

Em 1854 foi, pela primeira vez, eleito deputado por Faro, e depois, consecutivamente, pela terra da sua naturalidade, até 1874 em que foi elevado ao pariato.

Na carreira parlamentar, tem Barros e Sá documentos valiosos da madureza do seu pensar em relatorios muito substanciosos e muito importantes; e se não é um orador ameno e brilhante, tem sido um homem de trabalho em varias commissões nas duas casas do parlamento, tem estado sempre na brecha dos debates, e tem provado como sabe estudar e apreciar os assumptos discutidos.

O legislador era tambem magistrado, e do cargo de auditor passou ao de ajudante do juiz relator do supremo conselho de justiça militar, e depois ao de juiz relator do mesmo tribunal, que depois se transformou no tribunal supremo de guerra e marinha, onde exerce ainda as mesmas elevadas funcções.

Antonio José de Barros e Sá foi ministro da justiça em 1881.

MARIO EM AQUE SEXTIE

Aque Sextie era o nome da antiga cidade gauleza hoje chamada Aix, e situada nas margens do Rhône, a 28 kilometros de Marselha. A cidade d'Aix, que conta 30.000 habitantes, foi fundada pelo consul Sextius, no anno 125 antes de J. C., e é celebre pela victoria do famoso general e consul romano, Mario, contra os Teutões, no anno 102, quando estes se dirigiam para os Alpes.

A nossa gravura representa um campo de batalha nos arredores de Aque Sextie, juncado de cadaveres dos Teutões, e Mario levado em triumpho pelas suas tropas, depois da victoria.

O ARCO DO TRIUMPHO DA ESTRELLA, EM PARIS

Este arco foi inaugurado por Thiers e concluido depois de muitas interrupções.

O arco colossal não corresponde ao destino que davam os antigos aos seus arcos triumphaes, construcções superiores, armadas á estatura humana, e que emolduravam, sem os assombrar com a sua vastidão, os guerreiros, os cavallos e os carros que desfilavam por baixo.

O fim foi outro: quiz-se consagrar, n'um logar que dominasse a cidade de Paris, um monumento imponente e grandioso á gloria dos exercitos francezes desde 1792 até 1815.

VICTOR HUSSLA

(Director da orchestra da Real Academia de Amadores de Musica)

Um rapaz distinctissimo e altamente sympathico, *doublé* d'um artista de superior talento. E' o actual director da orchestra da Real Academia de Amadores de Musica e o auctor da brilhante *ouverture, In memoriam*, executada por aquella magnifica orchestra, no sarau de S. Carlos.

Victor Hussla é filho d'um distincto chefe de orchestra allemão, do mesmo appellido, e nasceu a 16 d'outubro de 1857, em S. Petersburgo, quando seu pae alli dirigia a orchestra do Theatro Imperial.

Passando em tenra idade para Berlim, fez n'aquella capital os primeiros estudos musicaes, e passou depois a Leipsich, onde cursou o Conservatorio e completou a sua educação artistica.

Entrando em seguida para uma das mais afamadas orchestras berlinezas, teve occasião de percorrer com ella as principaes cidades da Allemanha, Austria, França, Suissa, Hollanda, Italia, etc.; e fazia parte da «Philharmonic Orchestra», em Berlim, quando o conhecido maestro Rudorff, ha oito mezes, o convidou para vir occupar em Lisboa o logar de director da orchestra da Academia.

Do modo como elle tem sabido desempenhar esse cargo, falam eloquentemente os progressos feitos pela orchestra, que parece composta d'artistas consumados e não de simples amadores.

Nos concertos realizados pela Academia nos ultimos mezes, e ainda ha bem pouco, no sarau da imprensa em S. Carlos, teve o publico occasião de avaliar quanto a orchestra deve a Victor Hussla.

O sympathico maestro rege brilhantemente, com methodo, com alma, com *entrain*, com um *savoir faire* de artista de raça, tornando conhecidos dos amadores executantes os segredos e aperfeiçoamentos da elevada escola que professou e do grande centro musical d'onde veio.

Dirigida por elle, a orchestra da Real Academia executa hoje um repertorio classico, que a colloca a par de qualquer orchestra d'artistas.

Como compositor, sabemos que tem trabalhos de superior merecimento. A *ouverture, In memoriam*, por nós ouvida, e que Victor Hussla teve a gentileza de offerecer á commissão executiva da imprensa, é um trecho musical escripto por mão de mestre.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

De entre todas sobresaes,
Quando á Avenida vae,
A encantadora Felgueiras;
Sendo bastante notadas,
E até mesmo criticadas
As suas lindas olheiras.

Porém, no domingo gordo,
Uns poucos,—bem me recordo!
Com intenções bem matreiras,
Nos juntámos, combinados,
P'ra ficarmos inteirados
Da casta das taes olheiras... 1

Um bom bocado esperámos,
Mas, por fim, lá lobrigámos,
Sempre gentil e elegante,
No começo da Avenida,
Entre a turba embevecida,
O seu vulto mui galante,

Quando perto era chegada...
Leitor! não lhe conto nada,
Só se fôr por *musicata!*
Ella foi tão bisnagrada.
Que a deixámos transformada
N'uma perfeita cascata! 1

As *estrellas* da Felgueiras
Foram,—intenções matreiras!—
Das bisnagas a carriça;
E quando ella se limpou,
De olheiras nada ficou!...
.....
Eram filhas da cortiça!

A primeira é consoante,
Por signal;
E a segunda, lhe garante
Vegetal.

Na terceira, nome dou
De menina;
E na quinta, reparou
Que é mui fina?

Agora, não se amofine,
Attento oiça;
A quarta bem examine:
E' de loiça.

Na sexta, dou-lhe medida,
Veja bem;
Na final, bem conhecida
Letra tem.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Donzella.
DOS LOGOGRIFOS:—Quem muito dorme pouco aprende,—L'ingueirão.

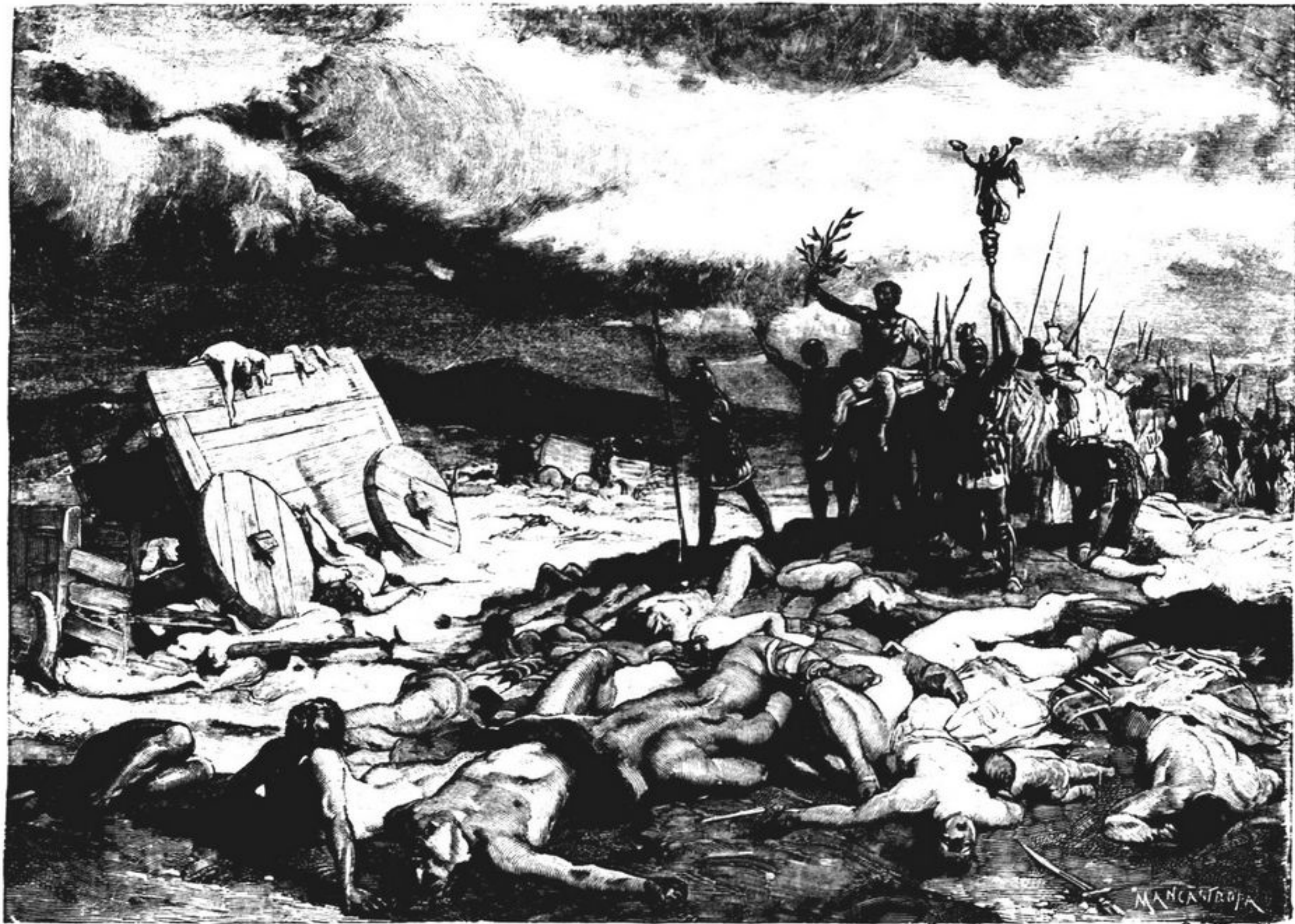
UM CONSELHO POR SEMANA

VERNIZ PARA INSTRUMENTOS MUSICAES

Dissolve-se em banho maria e em 500 grammas de espirito de vinho:

Sandáracca.....	128 gram.
Gomma laca.....	64 >
Mastique.....	64 >
Resina elemi.....	32 >

Junta-se-lhe no fim 64 grammas de terebinthina de Veneza.



MARIO EM AQUE SENTE

A RIR

Um reverendo bispo, querendo, na occasião em que tinha varios convivas á sua meza, servir um dos pratos, esculdo os dedos ao pegar-lhe.

A força da dôr fez com que escapasse da sacra bocca de sua reverendissima uma exclamação que nada tinha de pontifical.

Uma das senhoras que estava a seu lado puchou logo da carteira e do lapis, preparando-se para escrever.

—Que vae v. ex.^a notar? perguntou-lhe o prelado.

—Vou escrever a oração contra as queimaduras.

*

Galanteria pratica:

Um inglez, assentado no interior d'um carro americano completamente cheio, offerece o seu lugur a uma senhora, que vai de pé, e que aceita, desfazendo-se em agradecimentos.

—Não tem nada que me agradecer, diz o inglez. Ficarei largamente recompensado se v. ex.^a quizer ter a bondade de pagar os dois bilhetes.

O RETRATO

(Hugues Le Roux)

A sessão terminara. Acabara de limpar a palheta, quando bateram por duas vezes á porta do atelier.

Larguei os pinceis e fui abrir.

Era um moço de recados, portador de uma carta para o meu nome.

Rasguei o sobrescripto e li:

«Carlos Pãris, advogado, agradeceria profundamente ao sr. Jorge Maze, se quizesse vir esta noute a sua casa, para aqui fazer o esboço da sua joven esposa, fallecida esta manhã ás oito horas. D'esse esboço fará o distincto pintor, ulteriormente, um retrato.»

—Conheces este senhor? perguntei ao moço.

—Sim, meu amo.

—E' rico?

—Muito rico.

—A mulher era bonita?

—Quando ella saia, todos os caixeiros iam vel-a á porta.

A despeito de me sentir fatigado, peguei na caixa das tintas, puz o chapéo e metti pés ao caminho.

*

O advogado Carlos Pãris rezidia no boulevard de Clichy, em um primeiro andar, construido á moderna. Um creado conduziu-me ao longo da sala, que tinha um aspecto de desordem e abandono, e introduziu-me na alcova mortuaria, inteiramente deserta.

Sobre um enorme leito, vi a sr.^a Pãris, estendida, envolvida nas amplas pregas do seu vestido de noiva, tendo a cingir-lhe a fronte livida uma grinalda de flor de laranja. Esse ornamento era, talvez, um tanto ridiculo, mas a alvura das flores resaltava com um vivo relevo da côr escura do cabello, um formosissimo cabello setinoso e farto, caindo em ondas.

Assentei-me á beira do leito, á esquerda, afim de pintar o perfil sob o reflexo das velas, e rapidamente cobri a tela.

Chegara havia pouco, quando vi entrar a passos lentos no quarto um homem de uns quarenta annos, vestido de preto, tendo na mão direita um lenço de cambraia, que chegava á bocca.

Conclui que deveria ser o viuvo, e curvei a cabeça. O homem correspondeu ao meu cumprimento; em seguida, depois de ter contemplado por algum tempo a morta e o esboço, saiu do quarto sem pronunciar uma palavra.

A corrente de ar da porta, ao fechar-se, agitara por tal forma a chamma das velas, que me pareceu que tocavam no véo de tulle. Levantei-me, desviei os castiçoes, e, em pé, olhei para o cadaver.

Colocado assim de frente, vi adejar nos seus labios um sorriso, que não descobrira de perfil. Era a prega de uma fina ironia, um sorriso enigmatico, semelhante ao que esvoaça nos labios das mulheres de Leonardo. De resto, a immobildade do rosto, a serenidade das feições distendidas, tornavam o sorriso dupla-

mente inquietante. Surprehendeu me não ter notado esse sorriso, logo á entrada, e lastimei ter começado o meu estudo de perfil.

Acabara de assentar-me para concluir a minha tarefa, quando a porta se abriu pela segunda vez.

Senti que alguém se approximava e olhava por cima do meu hombro.

Levantei os olhos, e vi reflectido no espelho do toilette um segundo personagem, pouco mais ou menos da mesma idade do outro e como elle vestido de preto. Tinha as mãos cruzadas por detraz das costas e os olhos vermelhos e humidos de lagrimas. Pensei: «Provavelmente, é o irmão do sr. Pãris—ou então, talvez este é que seja o viuvo—e d'ahi, quem sabe? é possível que seja o irmão da morta.»

Olhei de revez para o homem dos olhos vermelhos. Não se parecia com a defunta nem com o primeiro homem que entrara no quarto.

Cumprimentou-me tambem, gravemente, e depois de alguns minutos de contemplação, afastou-se sem nada dizer.

Trabalhava havia uma hora, e dispunha-me a fechar a caixa das tintas, quando o creado veio advertir-me da chegada da familia, pedindo-me para interromper a sessão. Em uma carta que me entregou, o sr. Carlos Pãris instava para que eu começasse desde já o retrato encomendado. Promettia ir ver o esboço ao meu atelier, d'ahi a doze dias, e então me forneceria todos os esclarecimentos de que eu necessitasse.

*

Bosquejara o retrato, tirando todo o partido possível do esboço e de antigas photographias da senhora Pãris. Uma manhã, entraram no meu atelier os dois homens com quem tivéra, no dia da morte, entrevistas silenciosas. Notei que ambos traziam no chapéo um fumo do mesmo tamanho e nos coletes duas cadeias iguais, entrançadas, sem duvida, com os bellos cabellos castanhos que tanto admirei.

Os dois homens pararam defronte do cavalete, na mesma attitude de dôr reservada. Depois, sacudiram a cabeça.

—Supplico lhes, meus senhores, disse-lhe eu, que me transmitam todas as suas impressões, tal qual lhe ocorrerem, sem pouparem a minha vaidade de artista. O retrato é de uma pessoa que não vi nunca viva... Nem mesmo sei de que côr eram os seus olhos... Os senhores conheceram a intimamente...

Os dois homens inclinaram-se. Prosegui:

—Escreverei na minha carteira todos os esclarecimentos que me forneceram. Queiram fallar. Ouvia-os-hei com a maior attenção.

Os dois conversaram durante meia hora, interrompendo-se frequentemente. Notei as suas observações, e ignorando os seus nomes, designei um pela letra A, e o outro pela letra B.

Qual não foi, porém, o meu espanto, ao verificar que qual-quer dos meus dois clientes tinham conhecido, na mesma mulher, uma pessoa totalmente differentel

A informava que a querida morta era loira, olhos atirando para azul, fronte virginal, uma grande pureza, uma limpidez de innocencia nas feições e no olhar, uma deliciosa infantilidade no sorriso. A sua physionomia deveria reflectir um caracter igual, uma ternura ineffavel, romanesca e suavissima.

B asseverava que a estremecida ausente tinha os cabellos castanhos, os olhos verdes marinos, as sobranceiras energicas, uma chamma de paixão no rosto que lhe entreabria os labios e lhe humedecia os olhos. Em resumo, uma caprichosa e uma ciumenta, uma violenta e uma sensual.

Olhei para os dois amigos, surprehendido.

Para não me incomodar, continuavam a conversar em voz baixa. Sacudiam a cabeça, com graves gestos approvativos. Não percebiam que se contradiziam em todos os pontos, e de boa fé, julgavam estar de plenissimo accordo.

Reprimindo a custo a violenta vontade de rir que se apoderara de mim, perguntei ao homem que conhecera a mulher loira:

—O sr. é que é o advogado, sr. Pãris?

O viuvo inclinou-se e disse:

—Eu mesmo. Este sr. é um amigo de infancia, companheiro de toda a minha vida. Desculpe-me não lh'o ter apresentado ha mais tempo... O sr. Raul Julien.

Não me illudira; fôra o amigo de infancia que conhecera a mulher de cabellos castanhos.

Nada mais tinhamos a dizer-nos. Deixaram-me só com o meu quadro.

E enquanto desciam a escada, perguntava a mim mesmo, verdadeiramente inquieto:

—Como satisfazel-os a ambos?

E o meu olhar, desalentado, consultava, successivamente, o retrato e o esboço. De subito, lembrei-me do sorriso de discreta ironia que vira impresso nos labios da morta. Foi um raio de luz.

—E' impossivel, conclui, que o marido e o amante não reparassem alguma vez na zombaria d'essa bocca enygmatica. E' precisamente n'esse sorriso que devem conciliar-se as suas incompativeis reminiscencias.

Inutilizei, por conseguinte, o trabalho quasi terminado, afastei para longe as photographias e esboços, e pintei-te com esse sorriso perturbador, tal qual ficaste na minha memoria, ó morta mysteriosa.

E em presença do teu retrato, ambos disseram:

—Não é a sua expressão habitual, mas por vezes, havia nos seus labios aquelle sorriso. E assim te suspenderam na parede da tua sala. E á noite, no aposento que não tornará a vibrar da musica da tua voz, do fru-fru do teu vestido, assentados ao lado um do outro e silenciosos, contemplarão o teu mysterioso sorriso de Joconda, ó loira de cabellos escuros, duas vezes mulher, que partiste sem entregar a nenhum d'elles o ignorado segredo do teu coração.

GUIOMAR TORREZÃO.

O MORGADO FEIJÓ

Corria o anno de 1829, e as idéas francezas importadas com a invasão, haviam fructificado. Apesar do rigor do intendente de policia, as lojas maçonicas multiplicavam-se e a propaganda liberal e philosophica alastrava-se nos espiritos.

Estava-se na mesma incerteza, na mesma desoladora noite moral que actualmente nos apavora e nos humilha, pela razão de não termos no longo desfilhar do seculo, attingido a perfectibilidade sonhada.

O morgado Feijó, educado nos austeros principios tradicionais do amor ao throno e ao altar, vivia muito pacificamente na sua bella propriedade rural, na companhia das filhas, duas jovens, perfectamente ingenuas e de uma educação restricta.

Inutil será dizer, que a desordem moral na politica, baralhando todas as noções até áquelle momento seguidas, do direito e da dignidade, levaram a indisciplina até ao centro da familia, apartando os paes dos filhos, os irmãos dos irmãos e os servos dos amos.

Passou um sopro esterilizador de ambição e aventura por entre o quietismo das consciencias, e os que tinham por missão, obedecer sempre e em tudo, tentaram emancipar-se. D'ahi o singular incremento d'esse incendio liberal, tão radicalmente depurador e tão profundo nos seus resultados.

O morgado tinha resolvido que a filha mais velha, casaria com um primo fidalgo; a fim de augmentar o brilho e a opulencia da familia; e que a filha mais nova, a Rosalia, entraria para um convento, cabendo-lhe por esse motivo, segundo o uso do tempo, só o respectivo dote.

Toda a gente sabe, quanto eram inquebrantaveis os designios de um orgulhoso morgado do *ancien régime*. Seria temeridade, tentar a opposição. E não obstante, amava com paixão, um estudante pobre, filho de um juiz de fóra, conhecido pelas suas idéas avançadas, digno filho de um magistrado que citava descaradamente Voltaire e passava por ser pedreiro-livre.

Vieram os dias sombrios. Rebentou a guerra civil. O morgado aprestou-se para defender com as armas na mão, o seu querido ideal politico; mas antes, casou a filha mais velha, herdeira do morgadio, e dispoz tudo para encerrar a Rosalia n'um convento dos suburbios de Braga. A pobre menina, cuidou enlouquecer.

O rapaz, instou com o juiz para que interpozesse a sua auctoridade, a fim de impedir que a pequena professasse; mas o magistrado nada podia fazer: a lei era soberana.

—Espera por tempos melhores, disse elle. Uma das medidas de D. Pedro, será extirpar esse cancro do fanatismo. Não mais freiras.

Os namorados, porém, não gostam de esperar, e sobretudo, fazer depender o futuro dos seus amores, dos azares da guerra.

E por isso, o estudante respondeu ao pae:

—E se D. Pedro não vencer?

O magistrado teve um profundo gesto de desdem, perfectamente shakspeareano. Mas para socorrer a extrema desesperação do filho, teve a condescendencia de se prestar a ir pedir solememente ao morgado, a mão da filha mais nova, para o rapaz.

E foi.

O que se passou, foi tremendo. O morgado suffocado de cólera, ameaçou o juiz de o lançar á rua pela janella do salão nobre, e não quiz ouvir as observações que elle lhe fazia acerca da crueldade de enterrar em vida e contra sua vontade uma menina, n'um convento—essa invenção que não lembrára ao fundador do christianismo, e que era um attentado contra a liberdade individual e a liberdade de consciencia.

O morgado quasi a dar um estouro de indignação, apontou-lhe pela centesima vez para a porta e disparou-lhe esta phrase crua:

—Ponha-se lá fóra!

O juiz estremeceu, apesar de couraçado com o Voltaire, e observou ainda:

—Mas, senhor morgado, clhe que sua filha não tem vocação nenhuma...

—Rual bradou o morgado furioso.

E o magistrado, sempre correcto e voltareano deu meia volta á direita e sumiu-se no corredor.

O filho que o esperava a distancia, veio ancioso ao seu encontro.

—Então? interrogou o pobre rapaz.

—Nada se pôde fazer.

E contou o que se tinha passado. Quando acabou, o estudante disse com desanimo:

—E agora? que fazer?

—Esperar os acontecimentos. E primeiro que tudo, cumprir com o dever que a todos se impõe, de ajudar o imperador.

N'essa mesma noite o joven estudante, escreveu á filha do morgado, que só via um meio de impedir os abominaveis votos, e que era fugir com elle para o Porto. Iriam para casa de um parente do juiz. Estariam ali perfectamente ao abrigo de toda a perseguição, porque o pae d'elle era liberal e estava informado do plano de D. Pedro. A todo o momento se esperava um desembarque. Pedia-lhe que queimasse aquella carta.

Dias depois, o estudante seguia ostensivamente para o Porto, e retrocedendo de noite, raptava a formosa Rosalia.

O plano audacioso da fuga, não deixou ao morgado a menor duvida, de quem seria o seu auctor, e dispunha-se já a tirar uma desforra estrondosa, quando subitamente correu fulminante como um raio, a noticia de ter desembarcado na praia do Mindello o imperador, com a expedição dos Açores.

Iam chover as balas, ia derramar-se o sangue; e por isso o morgado, calcando no fundo do peito os seus dissabores particulares para só pensar na causa, para elle sagrada, do throno e do altar, desembainhou a espada em defeza dos velhos ideaes e dos velhos privilegios.

O rapto da filha por um *malhado*, a lembrança de que o podia encontrar diante da ponta da sua espada no campo da batalha, dava-lhe um tal entusiasmo no combate, que em breve se tornou um heroe e foi designado sempre para as empresas mais arriscadas.

N'um assalto ás linhas do Porto, o morgado foi ferido e feito prisioneiro. Perdeu os sentidos e só os recuperou para entrar em delirio. A sua organização robusta salvou-o, e no fim de dias pôde ter exacto conhecimento do seu estado.

Olhou então com espanto em roda do quarto em que se achava; um quarto de casa de familia burgueza, com todos esses mil nadas que sabem tão bem á commodidade de um enfermo e que não se encontra n'um hospital.

—Aonde estou eu? perguntou elle a uma velhinha que se sentava á cabeceira.

—Silencio! respondeu ella com bondade. O medico não quer que falle.

—Oral os medicos! Eu já estou bom...

—Parece lhe?

—Sou forte. E d'ahi, vejo que o tratamento deve ter sido soberbo!

—Ah! nada lhe tem faltado.

—Meu Deus! Mas a quem devo tantas finezas? Não conheço ninguem no Porto.

—Mais tarde o saberá dos proprios donos da casa.

O morgado não insistiu, mas n'esse mesmo dia, estando com os olhos fechados deligenciando dormir, sentiu que alguém entrava pé ante pé no quarto. Momentos depois, essa pessoa, approximava-se da cama, pegava-lhe na mão e beijava-lh'a. E era uma mulher, porque os seus labios finos, não se confundiam com os de um homem.

Quem seria? O morgado, daria de boamente, tudo que lhe pedissem para o saber, mas não se atrevia a abrir os olhos para não se trahir.

Subitamente, resoaram os passos pesados mas cautelosos de um homem, e sentiu o tintilar de esporas no sobrado. Esse individuo approximou-se tambem do leito e pegou na mão do ferido, exclamando baixinho:

—E' um bravo!

A sua voz era a de um homem muito novo e por mais esforços que o morgado fizesse, não se lembrava de a ter ouvido. Não podendo mais, ser senhor de si, abriu os olhos, mas n'esse momento, viu com assombro, um joven official de cavallaria, esconder-se rapidamente por detraz das cortinas do leito, sem que lhe podesse ver as feições; e emquanto á desconhecida senhora, o morgado não lhe podia ver o rosto, porque ella o cobrira repentinamente com as mãos. Pôde, comtudo, evidenciar que era joven e elegante.

O enleio do enfermo augmentava, e foi com os olhos crava-

dos na esbelta creatura que tinha diante de si, que murmurou como uma supplica:

—Não poderei ter a honra de saber a quem devo tantas finezas?

Então a senhora, sem nunca desviar as mãos da cara, ajoelhou á cabeceira do leito e rompeu em soluços.

O morgado, docemente, arredou-lhe as bonitas mãos e seguiu-lhe a cabeça para a ver em plena luz, mas subitamente sentou se de golpe na cama, soltando um grito e estendeu as mãos como que a repellir uma visão; mas encarando de novo, estranha, fixamente, com coera até, a joven, e vendo-a de mãos postas e supplicantes para elle, acalmou se, chamou-a a si, beijou-a na fronte, e os seus labios pronunciaram carinhosamente este nome:

—Rosalia!

Era a filha do morgado. E a casa onde se achava, a dos parentes do juiz.

O miguelista quiz ver o joven



VICTOR HUSSIA

official, que não era outro, senão o estudante. Fôra elle que reconhecera o morgado no combate e o vira cahir ferido, soccorrendo-o e mandando-o conduzir para sua casa.

Sendo a Rosalia menor, o morgado deu o consentimento para o consorcio, e o capellão do regimento do official, santificou aquella união.

Mas estava escripto que o morgado passaria ainda por trases mais extraordinarios. Um dia que passeava com o genro, encontrou-se com o imperador, que desejava conhecê-lo, e o joven official apresentou-o.

A maneira gentil com que D. Pedro o tratou, deixou-o vivamente commovido, a ponto de exclamar quando se viu só com o genro:

—Ah! se em Braga sabem que fui cumprimentando pelo imperador!

JOSÉ MARIA DA COSTA



O ARCO DO TRIUMPHO DA ESTRELLA, EM PARIS